


TEMPO E MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE JOSÉ CHAGAS

 <https://doi.org/10.56238/sevned2024.029-021>

Celyanne Geyse Cardoso Furtado

Mestranda em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras- São Luís (PGLETRAS), da Universidade Federal do Maranhão-UFMA; integrante do Grupo de Estudos em Literatura Maranhense (GELMA/UFMA).
E-mail: celyannegeyse-21@outlook.com

José Dino Costa Cavalcante

Professor do Programa de Pós-graduação em Letras São Luís (PGLETRAS), da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Professor do Departamento de Letras-DELER/CCH-UFMA.
E-mail:josedino@ufma.br

RESUMO

Este artigo objetiva demonstrar a importância e a riqueza da literatura maranhense, debruçando-se na perspectiva apresentada pelos estudos do teórico Paul Ricoeur, com base na ótica do escritor José Chagas, o qual apresenta a cidade de São Luís como espaço literário em suas crônicas. Tem-se, inicialmente, um estudo sobre o gênero textual crônica, com destaque para o escritor José Chagas, ao abordar-se o especial olhar do cronista sobre as memórias da cidade e o seu cotidiano. Além do que, a relação estabelecida do Tempo e Memória na narrativa curta de José Chagas em sua obra *Da Arte de Falar Bem*.

Palavras-chave: Literatura Maranhense. Crônica. José Chagas. Tempo. Memória.

1 INTRODUÇÃO

Os estudiosos, em geral, afirmam que “ literatura é a arte da palavra”. E, de fato, essa definição é bastante aceita, há quem diga ainda, ainda, que “ literatura é a linguagem carregada de significados”. (Erza Pound). Contudo, segundo o pensamento de um dos maiores nomes da Língua Portuguesa, Fernando Pessoa, definir literatura é tarefa árdua. Diz ele: “ podemos especular, mas jamais afirmar categoricamente o que ela é”. Por isso, depreendemos a riqueza desse termo e sua real importância, bem como sua contribuição para a variedade de textos e gêneros literários existentes na construção de uma historiografia literária.

Desta forma, a literatura vem ajudando na construção de uma nação, de um povo e de sua história. Só para ilustrar, lembremos os poemas épicos e fundantes da literatura clássica, *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, até hoje presentes nos registros literários e históricos da Grécia. A literatura exerce um papel ímpar ao “fazer registros”, histórias e memórias de uma nação, assim, destacamos a vasta e rica literatura brasileira e, nesse recorte a maranhense, especificamente a de São Luís-terra de grandes nomes literários que se precisam ser disseminados.

O homem, a fim de demarcar seu estar no mundo e na vida, dentre muitas possibilidades, procura compreender as relações sociais, suscitando sobre elas algumas reflexões. Esse processo se realiza quando ele busca entender o circundante e as exigências do cotidiano. Sob esse aspecto e sob a ótica de alguns cronistas, tem-se um texto nascido na cidade e que dar suas mãos à sociedade, buscando significá-la, compreendê-la etc. A crônica auxilia o processo crítico-reflexivo do meio e do momento histórico por que passam os segmento histórico, social, cultural, possibilitando analisar algumas ações cotidianas, às vezes despercebidas, mas eternizadas pelo olhar “ miúdo” do cronista.

Neste sentido, é essencial a busca por esse olhar minucioso, pois o cotidiano é uma palavra facilmente associada ao gênero, o que não causa admiração, pois, este olhar, tem como gênero, o relato do dia-a-dia, que às vezes passa despercebido, dada a urgência do tempo. No entanto, para Walter Benjamim (1994,p.209), “ o cronista é o narrador da história”. Ele traz em seus escritos relatos do cotidiano, eternizando acontecimentos de maneira fluida e leve, causando a fácil associação do gênero a uma conversa. Quando o leitor ler uma crônica, geralmente, se vê como personagem e percebe nela um pouco de sua própria história.

Característica que, segundo Sá (1965,p.27), assim associada, quando há cumplicidade entre o narrador e o leitor, e, somente alcançada em textos bem elaborados que possuam a magia inexplicável da arte. Além disso, o cronista não é individual, ele traz o coletivo, desnuda a sociedade e por isso funciona como porta- voz, porque revela mazelas e frustrações, além de ser parceiro em algumas revoluções.

O Maranhão, apesar da pobreza que teima em nos ameaçar, pontua entre os estados ricos em gastronomia, cultura, folclore e literatura. Para mais o significar, é agraciado com escritores que o

eternizaram em versos e prosas, trazendo temas que o apresentam em sua mais autêntica essência. Muitos desses temas são romances, poesias e crônicas que falam da história e do cotidiano da cidade e de sua gente, revelando arte e costumes da terra.

A crônica, por ser um texto aparentemente simples, dirige-se, inicialmente àqueles que têm pressa, “que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte, ou no raro momento da trégua com a televisão” (SÁ 1985,p.10). No entanto, realizar um estudo teórico-reflexivo sobre essas narrativas, nos permitirá observar o valor histórico literário do gênero, transformando ofício e prazer aliados para os que se propõem a estudá-lo. Assim, não propomos um estudo estilístico ou formal, apenas, mas, funcional desse gênero, buscando o próprio cronista como auxiliar nesse exercício.

O estudo de algumas crônicas que narram sobre a cidade de São Luís mostra-se essencial por inúmeras razões, afinal, muitos são os autores que cantam seus encantos e desencantos, revelando o cotidiano com habilidade estética. Neste sentido, destacamos um escritor fantástico que muito contribuiu para o crescimento literário da nossa Ilha: José Chagas que se propõe com bastante responsabilidade e engenhosidade, proporcionar aos amantes da leitura literária, um mover linguístico, artístico e social por meio de sua obra em especial destaque: **Da Arte de Falar Bem**.

Nesse seu livro, o cronista, cujo sentimento se aproxima da realidade e da verdade com muita sensibilidade, se faz porta-voz da cidade e por que não da sociedade maranhense? Seus textos, narram vidas, trazem pessoas, sentimentos e críticas reais, por isso são de muita beleza estética. Por essas características, encontramos a devida justificativa da escolha da cidade de São Luís e do cronista José Chagas que, em suas crônicas, aborda temas diversos, desde os mais simples até os mais delicados.

Ainda que de maneira circunstancial, José Chagas faz reflexões que despertam o interesse, ensejando uma leitura que pense São Luís e suas memórias. Sua escrita veicula os assuntos da Cidade, numa linguagem simples e, por isso, acessível ao leitor. Suas crônicas ao serem publicadas democratizam esses assuntos e o estudo deles. Assim este trabalho objetiva analisar, de forma crítico-reflexiva o cotidiano maranhense por meio do gênero literário crônica.

Buscando compreender as relações sociais, focando no aspecto social e histórico, trazendo recortes de teóricos e estudiosos da área: Cândido (1992), Moisés (1995), Sá (1985), Ricouer (1913) dentre outros que ajudarão a alcançar o proposto.

Para melhor abordagem do tema em questão, o presente trabalho será seccionado em quatro capítulos. O primeiro discorre sobre a história do gênero literário crônica, trazendo a sua gênese, bem como algumas considerações sobre o conteúdo. O segundo, uma abordagem sobre a presença do gênero no século XIX. O terceiro vai abordar o gênero na literatura maranhense, bem como sobre alguns dos principais cronistas de São Luís e destacamos o cronista José Chagas, expondo sua vida e obra. No quarto, trazemos algumas de suas crônicas, espaços em que ele declara as memórias pela cidade de São Luís, discutindo alguns temas- o principal foco do estudo.

2 NASCIMENTO E HISTÓRIA DA CRÔNICA

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), passando para o latim *chronica*, temos o vocábulo *crônica*. Na abordagem do estudo sobre esse gênero percebemos que ele é carregado de definições, resultado de sua evolução no decorrer da sua história e no passar do tempo. Neste contexto,

Massaud Moisés, em *A criação literária*, dedica um capítulo inteiro ao estudá-la, não somente do ponto de vista da sua etimologia. Para ele, a *crônica* Designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, uma sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundá-los as causas ou tentar interpretá-los. (MOISÉS, 1995,p.101)

Ademais, se fizermos uma busca em um dicionário de termos literários, observamos para a palavra *crônica*, a explicação seguinte:

Derivada de um termo grego que significa tempo, a palavra *crônica* reporta-se a uma resenha de acontecimentos em sua ordem temporal e tem um significado vizinho do histórico. O termo *crônica* emprega-se geralmente, em referência a qualquer narração sistemática de acontecimentos, com pouco ou nenhum empenho na sua análise e interpretação. (SHAN, 1982:130)

As definições apontam que a *crônica*, desde o seu início, relaciona-se com o tempo, ato de narrar acontecimentos cronologicamente de forma mais específica. Retomando o enfoque dado por Moisés fica evidente o papel inicial do gênero, ou seja, que ele fazia registros cronológicos sem pormenores ou comentários, ou seja, registrava acontecimentos, sem interpretá-los.

Entendemos, então, que era *crônica* apenas aquilo que fosse relevante para a história de uma determinada nação. Ou seja, tinham registro desde as grandes aventuras dos reis, aos acontecimentos relevantes de seus reinados. Ao se referir aos cronistas portugueses, por exemplo, França (2007:136) comenta que seus escritos eram de circulação restrita, só acessível à corte e quando lida de forma pública. Fora isso, apenas os eruditos buscavam informações verídicas, uma vez que o gênero servia como certidão de fatos do reino.

Foi exatamente esse tipo de *crônica* que ficou conhecido como *crônica histórica*. Tipo que alcançou ápice na Idade Média, quando a escrita surgiu como validação do passado, juntamente com a crença de que o passado lançava luz no presente. Essa ideia hoje já possui maior validação pelos estudos filosóficos, ou seja, pelo entendimento de ações de gerações anteriores de uma dada sociedade, no cotidiano. O presente/futuro fica mais claro, e até mesmo algumas ações são justificáveis.

Nesse sentido, o gênero servia estritamente para fazer relatos cronológicos da história, definição que ainda se faz válida em países europeus, com exceção de Portugal e lugares em que se fala o português, conforme lemos nas palavras de Coutinho.

Feitio que assumiu a historiografia particularmente na Idade Média e no Renascimento, em todas as partes da Europa, a princípio em latim e depois em diversas línguas vulgares inclusive o

português, em que se deram verdadeiras obras-primas. Foi esse o sentido que mais prevaleceu nos vários idiomas europeus modernos, menos o português, até hoje.

Em inglês, espanhol, francês, italiano, a palavra só tem esse sentido: crônica é um gênero histórico. E como crônica, ‘ croniqueiro’ e ‘ cronista’ só se empregam relativamente à crônica naquele sentido: eram o indivíduo que escrevia crônica, do mesmo modo que no francês *chroniqueur* *chronique*. (COUTINHO, 1987:790).

2.1 O SÉCULO XIX: A CRÔNICA NO BRASIL

O século XVIII, no Brasil, foi marcado por um ideário literário com a criação da Escola Mineira, na região de Minas Gerais, mas frustrado em virtude da extinção da Academia dos Esquecidos- sua base. Uma das grandes importâncias dessas escolas e academias é o vestígio dos Iluministas que definiram a criação das academias em seu sentido mais restrito e necessário.

Com a produção literária, prosseguimos num alto crescimento quantitativo e qualitativo, como não havia sido registrado até o momento.

Com essa evolução, não apenas literária, mas política e econômica, adentramos no século XIX com produções de diferentes vertentes, e em diferentes momentos que caracterizam diversas expressões da realidade social, tendo em vista, por exemplo, a Independência do Brasil em 1822. Esse fato clamava pelo surgimento de visões mais liberais que fez brotar o sentimento que viria a ser pedra de toque do Romantismo.

Essa escola literária produziu com abundância não somente a poesia, mas a prosa, donde se destaca José Martiniano de Alencar que teve reconhecimento acelerado comparado aos outros escritores. Como romancista, conservou todos os gêneros até agora criados; o indianismo, romance mundano, romance histórico, romance regional e o romance social. Alencar, publicando, inicialmente em um jornal, pincelou as suas obras de tinturas cronistas, pois relatou, poeticamente, o nascimento da raça brasileira em suas mais variadas terras e costumes.

Outro romancista que surgiu ainda na segunda geração do romantismo, e não foi adepto de tendência literária alguma, foi Machado de Assis. Dizem alguns críticos que ele foi o maior escritor que esse século já teve, pois, construiu uma linha própria, pessoal e extensa. Machado foi uma figura singular e serviu como quadro de influência para diversos escritores de diversas vertentes. Dentro de sua vasta produção, a crônica também mereceu um especial destaque.

Foi no século XIX, no Brasil, que a crônica tornou-se um gênero diferente, pois não lhe cabia apenas fazer relatos do passado, em termos práticos, mas tomar para si a responsabilidade de refletir esteticamente sobre relatos do cotidiano. Construída de forma leve e despreziosa, com uma linguagem acessível e descomplicada ela foi ganhando lugar entre o povo e tornou-se fértil na cidade, e, progressivamente foi angariando alcunha de gênero literário.

Pelas mãos dos cronistas, as informações que ocupavam apenas uma nota de rodapé sobre assuntos do cotidiano nas mais diversas formas e diferentes eixos temáticos, literatura, arte, política, etc., transformaram-se em crônica.

Com o tempo, ela deixou de ser relato e transformou-se em acontecimento, tornando-se um gênero comumente associado ao diálogo com os fatos presentes. Por este seu caráter, ela, ainda hoje, exige leitura obrigatória nos jornais impressos, pois, embora de veio ficcional, aborda o social em suas diversas manifestações, conservando um olhar crítico sobre a vida e o cotidiano.

Desta maneira, situações comumente despercebidas pela urgência do tempo ou percebidas por poucos que não têm voz para serem ouvidos, são matéria das mais belas crônicas. Ao cronista, então, cabe interpretar e, habitualmente compreender a cidade e o sentimento de sua gente por meio de situações cotidianas. Assim, o papel dele não se restringe somente a exaltar belezas, mas, e, também, evidenciar mazelas e injustiças às quais o povo está sujeito.

Citadino por excelência, o gênero dá conta do que acontece na cidade, seja com o próprio cronista ou com outros cidadãos. Fatos verdadeiros que atingem a população, a cidade e seus locais é alimento para boa parte das crônicas. Às vezes, elas se encontram associadas às notícias veiculadas em jornais, declaração de alguns fatos e acontecimentos. Daí entendermos o que diz Beatriz Resende: “o cronista é o confidente de nossas pequenas reclamações, cúmplice de nossas revoltas, solidário em nossas perdas e em nossas alegrias” (1995, p.35)

Será que podemos falar do gosto do povo brasileiro pela crônica? Talvez sim, devido a grande variedade de cronistas que temos hoje. Isso, talvez, resida no fato de que a certidão de nascimento do Brasil seja uma crônica. Apesar de ser uma carta de Pero Vaz de Caminha endereçada ao rei dom Manuel, nela a descrição poética da nova terra. “Caminha rompe com os moldes de escrita europeus para retratar o circunstancial e produzir um texto rico e fidedigno em que as miudezas nele encontradas são essenciais para melhor entendimento do todo”, diz Sá (1985, p. 5-6).

Por ser publicada em edições diárias ou semanais, muito se exigia da sensibilidade do cronista para sua produção, pois há de se reconhecer que este não era um ofício fácil, pois pela natureza anfíbia do texto, cabia ao cronista a responsabilidade de amenizar a linha tênue que se criara entre o jornalismo e a literatura, mas sem deixar de exercer a função de operar na vida da sociedade e dos seres que nela se encontravam.

Assim é que, a crônica, hoje, pelo seu papel social, rotineiramente se utiliza de notícias veiculadas no jornal, mas não segue a risca os preceitos para ser um texto essencialmente jornalístico. Este é um gênero que detêm margens bem definidas para aqueles que o têm como ofício, diferente do cronista que possui liberdade para

Percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade; e isto com a mesma graça e a mesma nonchalance com que uma

senhora volta às páginas douradas de seu álbum, com toda finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, e a sal, o espírito que deve descobrir no fato mais comezinho. (ALENCAR, apud BENDER; LAURITO, 1983, p.18).

Nesse sentido, a diferença entre o trabalho do cronista e do jornalista é nítida. Ao jornalista cabe fazer a descrição dos fatos, sem comentários ou qualquer intervenção. No entanto, quem faz crônica não só descreve, mas comenta e traduz os acontecimentos de modo mais acessível à compreensão ou deleite do leitor. Em outros termos, constantemente, o cronista transforma suas notas em atividade prazerosa, considerando aqueles que têm pressa, se permitindo o ato de ler nos pequenos intervalos.

O cronista aguarda com expectativa “tiques” que lhe darão glória e linguagem merecidas, ou seja, um acontecimento “frívolo” e sem relevo pode ser a condição para a criação. Nesse sentido, uma crônica de Rubem Braga, “O pavão”, cujo lirismo nos chama a atenção. Nessa crônica, Braga, utiliza uma linguagem simbólica para falar sobre as cores das plumas do pavão. Ele diz que elas surgem no olhar de quem as observa e se aproximam do ato de amar. Por esse fenômeno óptico, que faz com que os amantes vislumbrem beleza e luz um no outro.

Nessa linha de pensamento, Machado de Assis (1977, p.12), assim comenta sobre as frivolidades que podem fazer nascer uma crônica.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas duas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastima-se do calor.

Uma dizia que não poderia comer o jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da Crônica.

O crítico Antônio Cândido que teve papel importante no assunto declara que a crônica pertence ao rés-do-chão, ou seja, à base, ao andar térreo. A vida ao rés-do-chão é o estudo sobre o gênero feito pelo crítico para prefaciá-lo um dos volumes de **Para gostar de Ler**. Nele, o autor fala sobre a história da crônica e sua evolução no Brasil.

Diz Cândido (1980, p. 16-9) que “o grande prestígio é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, sítio é, de quebra de artifício e de uma aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor!”.

Cândido explica que a crônica está literalmente relacionada à simplicidade da palavra e foi ao longo do tempo que ela tornou-se tão próximo até ser brasileira graças a José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac entre outros. Cândido lembra que esses cronistas (folhetinistas) contribuíram significativamente para que o gênero se tornasse nosso pela naturalidade com que se aclimatizou aqui e a originalidade com que se desenvolveu. O crítico acrescenta ainda:

Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões políticas, sociais, artísticas, literárias [...] Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (1984, p.7)

Observe que Antônio Cândido explica por que essa literatura se tornou tão próxima do leitor: a oralidade na escrita e a simplicidade da linguagem. Elas tornaram-se um casamento perfeito, e conforme o teórico, por ser uma narrativa curta, pede um novo olhar. Ou seja, algo familiar, íntimo que pouco a pouco desperta no leitor o “conviver intimamente com a palavra”. Um texto que, ao mesmo tempo em que diverte o leitor, também proporciona reflexões sobre si mesmo e sob uma ótica diferente acerca do mundo.

Esse prestígio sobre o qual fala Candido nos possibilita dialogar sobre referidos temas com muita leveza. A crônica não apenas informa, mas oferece uma excelente sintonia com o autor, ou seja, uma imediata interpretação é realizada nesse canal linguístico. Em **Comentário-mediação-notícia**, de Luciana Stegagno Picchio (1997:543), ela diz que o grande prestígio da crônica é que ela proporciona ao leitor; autor, crítico, teórico esses três aspectos a serem trabalhados, acessórios fundamentais e que enriquecem a sua construção.

Vale ressaltar, ainda, que nascida no jornal como folhetim, e tendo um local próprio ou rodapé, o gênero guarda uma relação direta com o rés-do-chão, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, assuntos policiais, sociais, artísticos, literários. Ainda segundo Antônio Cândido, esse “folhetim” aos poucos, foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo a toa, sem ter muita importância. Depois, “ entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar que é hoje”. (1984, p.7) Completa o crítico com o seguinte:

Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nos verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria a pensava. (1984, p. 6)

Se desde seu nascimento, o Brasil tem forte ligação com a crônica sobre a terra e sua gente transformadas em literatura, o gênero conta sobre nós e sobre a nossa história. Essa carta, ou primeira crônica brasileira, não foi o único legado que escreveu o Brasil, sua paisagem e seu povo no cenário da literatura como um todo. Cronistas foram surgindo e deixando seu legado, não somente pela quantidade, mas pela qualidade, só para lembrar alguns: José de Alencar; Machado de Assis, Rubem Braga, Nelson Rodrigues, Carlos Heitor Cony, Arnaldo Jabor, entre outros.

3 A CRÔNICA NA LITERATURA MARANHENSE NO SÉCULO XIX

O cronista, geralmente, é aquele que tem a capacidade de se indignar com uma notícia, com um fato observado, mas que se pode, também, compreender o desvio de um indivíduo ou desse na

sociedade. Ele pode, também, perceber o lado oculto do cotidiano e prever o inusitado, oferecendo sugestões.

Ser cronista é ser um mágico das palavras e satisfaz o leitor com suas ações e magias. Assim, o êxito de quem faz crônica é provocar no leitor um prazer, um sorrir de satisfação. E, ainda que haja uma reação contrária de quem leu sua opinião, quase sempre o leitor experimenta um sentimento de prazer por compartilhar do assunto comentado.

De qualquer forma, o gênero é, e continuará sendo um lugar de expressão do escritor para levar um momento de leveza ao leitor. Para produzir esse efeito, ele precisa, além da simplicidade e da clareza, não enveredar por caminhos obscuros nem tão pouco, usar uma linguagem rebuscada. Nas palavras de Lourival Serejo (2011), “ deve fluir como um rio, obedecendo aos limites das margens, sem, contudo, deixar de causar-lhe erosão para alargar seu espaço de criatividade”. Serejo acrescenta, ainda, que o Que engrandece a crônica é a maneira de conversar com o leitor sobre um assunto às vezes tão banal ou, até mesmo, a falta de assunto. Manuel Bandeira gostava das crônicas sem assunto de Rubem Braga porque, segundo ele, era nelas que o cronista expandia melhor o seu gênio. (O Estado do Maranhão, 21/08/2011)

Infelizmente, esse gênero ainda é pouco estudado, por isso, é essencial nos debruçarmos sobre alguns textos que nos permitam um trabalho reflexivo e teórico sobre a sua importância e validade, assim como para conhecer a plêiade de artistas que se ocupam habilmente desse registro feito em tempo real. Nessa perspectiva, entendemos que a crônica maranhense oferece sua contribuição literária capaz de encantar, despertar e preservar na memória, não somente local, mas nacional, os assuntos abordados.

Assim, ao oferecer um novo olhar, a crônica pode guiar o leitor, seja ele um jovem estudante ou um experiente educador para novos saberes. Por isso, ela oferece, promove e presenteia, pelo seu universo, principalmente no que se refere à cidade de São Luís com sua vasta riqueza literária. Como tal, essa literatura necessita ser apreciada pelos ludovicenses. Daí, portanto, a apresentação e construção desta pesquisa que extrapola o meramente acadêmico, para oferecer uma colaboração social, educacional e pedagógica.

Conhecer a cidade de São Luís evoca a memória de vários cronistas, dentre eles, talvez aquele que mais a tenha cantado em suas crônicas: José Chagas. Embora não sendo maranhense, ele chega a personificar São Luís. Nauro

Machado diz que o poeta é, de fato, “a projeção introspectivamente unificadora de uma história secular: aquela que se estende da Santana dos Garrotes, seu chão de origem, ao coração da Ilha onde fez aportar e espriar-se no coro múltiplo da sua voz particular” (2012, p. 136).

Estudar crônicas que narram São Luís é essencial por inúmeras razões. Os autores que contam seus encantos e desencantos, revelando o cotidiano com sensibilidade e habilidade estética, mostram sentimentos verdadeiros, por isso tido como porta-vozes da sociedade. Por essas características,



encontramos a devida justificativa da escolha de crônicas e temas diversos em **Da Arte de Falar Bem**, de José Chagas.

Estudos revelam que a literatura maranhense e os seus mais destacados autores têm dado o devido merecimento que a atualidade exige. Portanto, é necessário que demonstremos esta presença, não só no espaço escolar, como também na sociedade de modo geral. Precisamos despertar no maranhense o sentimento de pertença, pois quem assim se sente cuida. Um exemplo disso, são os cronistas que notoriamente percebem a importância de um despertar para a preservação, a memória e o conhecimento dessa literatura dos cronistas locais.

Mediante a necessidade de valorizar e elevar a literatura local e de suma importância tornar os autores maranhenses mais conhecidos já que essa literatura participa da formação de um povo e de sua história. Sem dúvida alguma, essa plêiade de autores e obras constará nos registros históricos de uma sociedade como um todo. Por essas razões, abordaremos questionamentos e discussões que envolvem o gênero e seu conteúdo linguístico e literário, mas ao mesmo tempo, social na obra do escritor José Chagas.

Ora, por que não demonstrar a importância desse conhecimento nos espaços acadêmicos? Oferecer ao aluno uma visita ao passado e um novo olhar para o futuro por meio da nossa literatura, é fundamental. Podemos fazer isso nos debruçando no fantástico que somente o universo literário proporciona, promove e oferece de uma forma bastante prazerosa e com diversos temas do cotidiano que também a narrativa curta pontua.

A crônica está relacionada diretamente com a efemeridade, caráter que lhe é próprio. Como a própria etimologia define “ Khrónos”, significa tempo, ou seja, essa espécie narrativa está envolvida no que é passageiro e efêmero. Nessa perspectiva, destacamos alguns nomes que dão a esse universo artístico, literário e linguístico, uma nobre contribuição para a memória da nossa cidade. Essa arte literária que expressa a construção da cidade, também enriquece e dá “ testemunho”, do papel do cronista.

Em geral, esse é o comportamento do cronista e. em São Luís essas ações são similares. Diversos escritores cronistas exercem influência da nossa literatura maranhense e brasileira, notadamente de relevância. Assim, a lista de cronistas que imprimiram seu nome na história da crônica maranhense é vasta, e, na cidade de São Luís, não é diferente, pois ela conta, hoje, com uma plêiade de renomados cronistas, como José Chagas; Ubiratan Teixeira, Ivan Sarney, Joaquim Itapary, Américo Azevedo Neto dentre outros não menos importantes.

3.1 O CRONISTA JOSÉ CHAGAS

José Francisco das Chagas nascido em 29 de outubro de 1924, o poeta José Chagas deixou grande legado cultural em mais de 20 livros publicados, a maioria deles dedicados à São Luís



Paraibano de nascimento, mas maranhense de alma e coração, José Francisco das Chagas, o José Chagas, soube como poucos cantar as belezas e as mazelas de São Luís em verso e prosa. Nascido no sítio Aroeiras, município de Piancó, na Paraíba (atual Santana dos Garrotes), a 29 de outubro de 1924, o poeta, se vivo, celebraria 95 anos hoje. Uma missa em memória do poeta será celebrada hoje, às 18h, na Igreja dos Remédios.

Falecido em 13 de maio de 2014, o poeta deixou uma enorme contribuição à cultura do Maranhão por meio de obras como “Canhões do Silêncio”, “Os Telhados”, “Azulejos do Tempo”, “Apanhados do Chão” e “Maré/Memória”, entre outros.

Por ocasião do recebimento do título de Cidadão Maranhense, oficializado no dia 27 de outubro de 2004 pela Assembleia Legislativa como parte das comemorações pela passagem dos seus 80 anos, o poeta disse: “Vejo este momento de forma emocionante, um presente dos mais inesquecíveis. Este título vem complementar o envolvimento que já tenho com a cidade, desde o início, pois fui integrado por São Luís e São Luís integrada por mim”.

Radicado no Maranhão desde 1948, onde fez toda a sua vida literária, José Chagas foi funcionário aposentado da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foi vereador da Câmara Municipal de São Luís por um mandato, onde também serviu como diretor da Secretaria-Geral.

Jornalista profissional, exerceu as funções de técnico em Comunicação Social na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) até aposentar-se. Foi cronista no jornal O Estado do Maranhão, no qual mantinha coluna semanal.

Apaixonado pela terra de Gonçalves Dias, o poeta é autor de mais de 20 livros, a maioria deles dedicada à cidade. O poeta estreou em 1955 com o livro “Canção da Expectativa”. José Chagas assumiu a Cadeira nº 28 da Academia Maranhense de Letras (AML) no dia 3 de abril de 1975. Ele foi de patrono da 5ª edição da Feira do Livro de São Luís, promovida em 2011 pela Prefeitura.

José Francisco das Chagas possui um acervo de diversas obras, conforme o acima referido. Desse modo, é evidente a sua contribuição literária, linguística social, cultural e por que não dizer pedagógica, já que a literatura nos leva à reflexão sobre nós e o mundo no qual habitamos. A expressão que esse cidadão exerce na formação de nossa pluralidade cultural é farta. Portanto, essa notoriedade é importante compreender e, bem mais que isso, inserir sua obra para conhecimento, de forma que nessa troca de saberes entre escritor- obra-leitor uma preciosa oportunidade seja vislumbrada: o mergulho na literatura maranhense.

4 SÃO LUÍS SOB A ÓTICA DE JOSÉ CHAGAS

Da Arte de falar bem, publicado em 2004, é o terceiro livro de crônicas selecionadas por Duarte, com a assistência do cronista. O cronista escolhe fazer a defesa de alguns filhos da terra, e,

essencialmente, do patrimônio cultural maranhense. Chagas preserva finíssima ironia, qualidade que sempre lhe foi peculiar. Junta-se a isto um espírito pleno de dedicação pela sua apaixonante cidade e tudo o que lhe inspira e transpira reflexão. Ao narrar certos acontecimentos, ele presta um tributo à verdade histórica geográfica e literária da São Luís de ontem, e por que não dizer da São Luís de hoje? Seus textos constituem uma espécie de mapa da cidade, especialmente de São Luís. Ele também dedica a Alcântara, cidade histórica-maranhense, um dos mais longos e belos poemas: Alcântara: negociação do azul ou a castração dos anjos. Para evidenciar tais informações, vamos acompanhar a sequência de textos estudados.

4.1 ONDE O CÉU TEM MAIS ESTRELAS

Ao escolhermos a crônica: Onde O Céu Tem Mais Estrelas, selecionamos alguns trechos que abordam sobre a cidade de São Luís. Diz José Chagas: “São Luís deu à Ilha uma tão rica amplitude geográfica que, na memória dos povos, torna-se ela hoje um continente de brasilidade e de portentosas tradições de cultura” (CHAGAS, 2004, p. 24). Este é um fragmento da crônica Onde o céu tem mais estrelas, uma das crônicas que compõem a coletânea Da arte de falar bem. Todas elas foram publicadas no jornal O Estado do Maranhão e tratam de temas diversos. Contudo, esses textos, em sua maioria, não extrapolam em temática os limites locais. Para organizá-los o cronista contou com a ajuda de Duarte que, na apresentação da obra expressa: “o homenageado se antecipa em libar à acolhida e à sólida simpatia que, por mais de cinco décadas, lhe tem sido o pão e o vinho à mesa farta de sua convivência com os maranhenses” (CHAGAS, 2004). Duarte chama a atenção sobre a distância entre uma publicação e outra. A simples distância na data em que essas duas obras vieram a lume evidencia certo esquecimento ou descaso editorial, que se pode repartir entre razões de origem e peso imponderáveis: o relativo desprestígio da crônica em relação ao poema; a notória escassez de interesses, na Província e no País, por se imprimir o que não constitua demanda imediata e digestão fácil no mundo livreiro; e a desimportância que o próprio Autor tem atribuído a seu trabalho na imprensa cotidiana, bastando saber que, desse material, ele quase não guardava sequer os originais.

(CHAGAS, 2004) Ainda no prefácio, Duarte explica que o título foi escolhido em simetria e por oposição, ao livro de Carlos Heitor Cony, Da arte de falar mal, publicado pela Civilização Brasileira, na década de 60. O prefaciador confessa lembrar-se de um comentário que certa vez ouviu de uma pessoa: “Chagas é um grande escritor, não há dúvida. Mas só sabe falar mal”. Para dizer da seriedade com que o cronista trabalha e da sua coerência com os valores herdados, Duarte explica que o problema é saber o que significa, em sentido próprio e pleno falar mal, ao tempo em que questiona:

Será falar mal clamar contra o mal e contra os maus, dizendo a verdade? Sendo assim, não deveríamos apedrejar todos os profetas bíblicos? Ou não se está fazendo um bem, quando se tem coragem, elevação moral e sinceridade para emprestar a palavra a tantos que dela não podem fazer uso,

adstritos a 110 razões rasteiras que a nossa razão não alcança, aí incluídas singelas e prudentes estratégias de sobrevivência? (CHAGAS, 2004)

4.2 UMA LAGOA PASSADA LIMPO

Na crônica *Uma lagoa passada a limpo*, ao saber que uma das praças do complexo turístico da Lagoa da Jansen seria batizada com o seu nome, o cronista confessa: “a Lagoa da Jansen, que era minha suja inimiga de tanto tempo! Quem acreditaria nisso? É como se a governadora levasse a cidade a me dizer: olhe, se uma de suas raivas era esta Lagoa, você vai viver agora uma grande alegria” (2004, p. 264). O cronista ao saber dessa intenção, responde: “a Governadora sabe da minha relação com São Luís, relação das mais autênticas e sinceras, porque é relação de amor e ódio: as duas faces do bem-querer” (2004, p. 264). Na mesma crônica ele confessa o quanto o assunto o havia incomodado:

A Lagoa da Jansen foi, várias vezes, motivo, para mim, de violentos desaforos contra quantos administradores por ela passaram e nela mexeram, e quanto mais mexiam mais lhe aumentavam a fetidez. A Lagoa não era realmente flor que se cheirasse, nem mesmo de longe. E dizia-se abertamente que a podridão dela não era só ambiental, mas, sobretudo, moral. Comentava-se até que não se tratava propriamente de uma lagoa, mas de uma fonte de riquezas ilícitas. (CHAGAS, 2004, p. 264)

Sobre a referida homenagem que lhe é prestada, sem que dela “fosse merecedor” e sem que fosse do seu conhecimento, o cronista responde: Agora sou nome de praça, eu que nunca imaginei pudesse ser nome de alguma coisa no mundo. Não sei se a praça aceitou bem esse batismo. Ela não foi consultada. Mas deve consolar-se comigo, porque eu também não fui. Quando vim a saber, já era nome dado, e não havia mais remédio. (CHAGAS, 2004, p. 263).

Ainda nessa crônica, a despeito de tudo o quanto pudesse vir a ser um falatório, pois ele próprio, em tantas crônicas, havia repudiado tal prática, Chagas explica a verdadeira relação que mantém com a cidade:

São Luís me aceita tal como sou e eu a aceito tal como ela é. Isso não quer dizer que estejamos obrigatoriamente de acordo em tudo, a toda hora. O caso é que a amo tanto que chego às vezes a odiá-la e dizer dela cobras e lagartos. E todos nós sabemos que o ódio de quem ama só faz aumentar mais o amor, porque uma coisa é falar mal, por simples e deliberada condenação, outra é falar mal, visando o bem do que se ama. (CHAGAS, 2004, p. 263)

4.3 RAZÕES DE MINHA CANDIDATURA

Deixei mesmo de voltar pra minha terra (...), e fiquei cantando em minhas poesias os telhados da velha cidade, censurando, com alguns poemas satíricos que passaram a ser conhecidos no Brasil inteiro, defeitos e vícios de homens que nunca souberam amar o Maranhão, e que vivem dele, sem trabalhar para ele, nem por ele. (CHAGAS, 2004, p. 45)

Esse “enraizamento” do cronista em São Luís e entre os amigos, vem construindo uma série de crônicas que se levantam em favor do bem falar sobre alguns 112 ilustres maranhenses, bem como sobre alguns projetos da terra. Dessa forma, aqueles que têm ou tiveram uma relação de amizade, de trabalho e vivência intelectual com o cronista, seja do ponto de vista social ou afetivo, aqui se fazem presentes. Por exemplo, no lançamento do Poema Sujo, de Ferreira Gullar, em crônica, Chagas comenta: “Poema Sujo é uma espécie de Canção do Exílio” (2004, p. 168). E ao falar sobre os poetas e os filhos da terra, completa.

Estejam onde estiverem, carregam o Maranhão dentro de si. E, em distância e saudade, o transformam em poesia, não por mero transbordamento de natureza nostálgica, mas por uma razão maior de transcendência emocional, em que o próprio amor à terra se cristaliza em poema de vida e verdade, para o enriquecimento de nosso patrimônio cultural. (CHAGAS, 2004, p. 168)

4.4 TEMPO E MEMÓRIA

De que há lembrança? De quem é a memória?” (RICOEUR, 2007, p. 23). Na esteira da fenomenologia husserliana, essas são perguntas essenciais quando o tema se concentra na questão da Memória. Em relação a obra escolhida *Da Arte de Falar Bem*, tentamos compreender de que forma o autor manuseia a memória para construir a sua narrativa. E lançar mão da proposta de Paul Ricoeur (2007) se mostrou um caminho viável para a reflexão. Convenhamos que o texto de José Chagas abarca o conceito de memória e promove a discussão mais ampla de seu uso, pois tratamos de um autor que articula memórias “verdadeiras” com o processo ficcional. É um trabalho duplo, que nos obriga a lembrar que se trata de uma pretensão definir o estatuto de “verdade” da memória. Não é esse o caso. Pois estamos lidando com ficção também, e nesse aspecto adentramos o âmbito da imaginação, o que nos leva a pensar na seguinte afirmação:

É sob o signo da associação de ideias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar uma — portanto, imaginar — é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela. Assim, a memória, reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação. (RICOEUR, 2007, p. 25)

Isso que é muito propício para o nosso pensamento, pois quando falamos somos remetidos para a ficção. E aqui tratamos um livro, o de José Chagas, em que na memória se mistura também a imaginação. Essa confusão não é incomum e é bem-vinda, porque possibilita a investigação no campo ficcional, valorizando-o inclusive, uma vez que a ficção opera a partir do real. A crônica de José Chagas confirma isso, e não é preciso esforço para perceber que a memória é nosso acesso ao passado. Logo, é nosso acesso ao real.

Considerando puramente o tema da memória, o diálogo que observamos é muito produtivo entre a obra de José Chagas e os estudos de Paul Ricoeur. Retomando Ricoeur (2007), chama-nos a

atenção — quando pensamos no estatuto de “verdade” da memória — o que ele postula sobre uma ideia diretriz que dissocia imaginação e memória:

É na corrente [da] tradição de desvalorização da memória, nas margens de uma crítica da imaginação, que se deve proceder a uma dissociação da imaginação e da memória, levando essa operação tão longe quanto possível. Sua ideia diretriz é a diferença, que podemos chamar de eidética, entre dois objetivos, duas intencionalidades: uma, a da imaginação, voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o possível, o utópico; a outra, a da memória, voltada para a realidade anterior, a anterioridade que constitui a marca temporal por excelência da “coisa lembrada”, do “lembrado” como tal. (p. 25-26).

Partir desse pressuposto é bem pertinente, principalmente se levarmos em consideração, no caso da imaginação, que essa diferença proposta por Ricoeur pode ser questionável. Como dissociar imaginação e memória? Ele considera que imaginação seja algo inventado. Mas a invenção parte de onde? E, de um aspecto geral, a memória? Não há algo de imaginação nela também?

Principalmente se transitamos num campo em que realidade e imaginação se misturam. Por diversas vezes, Ricoeur (2007, p. 27) nos remete à teoria platônica, mas é Aristóteles que torna a ideia mais concreta e declara que “a memória é passado”. Essa afirmação serve de guia para a exploração de Ricoeur e, de certo modo, funciona como um guia para a nossa leitura.

Torna-se evidente que o trabalho com a imaginação tem relação com a necessidade humana de preencher as falhas da memória, consciente ou inconscientemente. Falhas que podemos atribuir ao esquecimento. O problema do esquecimento é colocado desde o início como “apagamento dos rastros e como falta de ajustamento da imagem presente à impressão deixada como que por um anel de cera. [...] desde esses textos fundadores, a memória e a imaginação partilham o mesmo destino”. Essa situação torna mais evidente a afirmação de Aristóteles de que “a memória é tempo” (RICOEUR, 2007, p. 27).

No que diz respeito aos espaços vazios da memória, o “que está em jogo é o estatuto do momento da rememoração, tratada como um reconhecimento de impressão. A possibilidade da falsidade está inscrita nesse paradoxo”

(RICOEUR, 2007, p. 30). Aqui pensamos no fato de a memória humana não ser confiável totalmente. Mas isso não desqualifica a ficção que consideramos. Em relação a obra *Da Arte de Falar Bem*, remete-nos a uma pergunta que o filósofo apresenta:

Poderia a relação com o passado ser apenas uma variedade de mimesis? Essa confusão não deixará de nos acompanhar. Se nossa dúvida tem fundamento, existe o risco de a ideia de “semelhança fiel”, própria da arte eicástica, ter fornecido mais uma máscara do que uma escala na exploração da dimensão veritativa da memória. (RICOEUR, 2007, p. 32)

Esta linguagem faz José Chagas nos apresentar: **Nós, os pescadores de sonhos**. Nesta, o cronista fala de José Sarney, não o homem, mas o escritor do romance 115 O dono do mar que, traduzido para o francês, foi publicado em Paris. “A essa altura, o mar, que aqui tem dono, começa a ser do mundo e é ele próprio que agora navega por outras plagas” (CHAGAS, 2004, p. 142). Este mar recebe agora o seu verdadeiro dono – o pescador Cristório, protagonista do romance. Ele “pesca hoje para o mundo e leva agora seu peixe para a França, colhido no mesmo mar navegado por Daniel de La Touche” (id., ib.).

É pela ação verbal que José Chagas traça o percurso de uma obra, cuja influência viva da literatura ultrapassa os limites da terra e do mar e vai ser lida por outra gente que um dia quis fundar aqui em nossas terras outra França, a Equinocial. Diz Chagas: “o nosso destino de maranhenses estava mesmo entregue aos portugueses. Repelimos os demais povos que nos experimentaram diretamente, como os franceses e os holandeses” (id., ib.).

Chagas continua:

Acontece que, traduzido o seu romance para o idioma de Flaubert, José Sarney rompeu com nosso determinismo histórico, inverteu os fatos, transportando, de certo modo, o Maranhão para a França e criando lá uma São Luís francesa. Em vez de fazer sua viagem por mar, como foi o caso de Daniel de La Touche quando veio fundar a França, Sarney o que fez foi levar para lá o próprio mar da nossa ilha, com seus mistérios, seus fantásticos piocos, sua poesia e sua força telúrica, na ambiência de um regionalismo que se universaliza. (...)

O romance é mais do que uma mensagem de nossa vivência oceânica, um recado da ilha distante, levado aos franceses que nela fundaram uma cidade, mas não ficaram, tendo sido vencidos e expulsos pelos portugueses, na batalha de Guaxenduba. Não se sabe que mágica fizeram os lusitanos para que mobilizassem forças do além, pois até Nossa Senhora, segundo a lenda, se colocou ao lado deles, transformando areia em pólvora para ajudar a combater os que eram tidos como invasores. (CHAGAS, 2004, p. 143)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos, debates, teorias explorados que fizeram menção a história da crônica, de acordo com o recorte histórico do século XIX, levaram-me, com base em diversos teóricos e estudiosos da literatura, como Antônio Cândido, Eduardo Portella, Massaud Moises, Paul Ricouer dentre outros, à compreensão que a crônica possui um papel de expressividade na literatura, além do que ela exerce bastante influência para o entendimento dos problemas que emergem no cotidiano da cidade. Assim, é possível concluir que a crônica possui um papel de expressividade na literatura, além do que exerce, também, bastante influência na sociedade.



Para chegar ao que é hoje essa narrativa curta teve fortes influências no fazer literário de cada autor, cujo toque e olhar se diferencia, embora com o mesmo objetivo, ou seja, fazer a literatura de um povo. A partir das várias transformações pelas quais a crônica sofreu ao longo do tempo até ser exercitada em nossa literatura foi um longo caminho.

Nessa perspectiva, a cidade de São Luís, rica em assuntos a serem desvelados pelos amantes das letras, escritores e poetas que colaboraram com excelência na preservação da memória e da identidade da nossa capital, mas ao mesmo tempo, que lhe dedicaram um olhar crítico, conforme percebemos ao estudar as crônicas de José Francisco das Chagas. Suas crônicas que falam sobre a capital maranhense na obra **Da Arte De Falar Bem**, por isso, de importante leitura para ser divulgada, conhecida em qualquer ambiente de leitura e estudo.

Por esta razão, são muitos os benefícios que essa literatura oferece ao estudante, por isso, a necessidade de conhecer, estudar e valorizar, cujo valor é imensurável. Em outros termos, a crônica oferece para o leitor de modo geral, a criação de projetos de pesquisa, trabalhos monográficos, artigos, a exemplo deste trabalho, nascido a partir da necessidade do desconhecimento da nossa riqueza literária e da necessária conservação da nossa identidade enquanto cidadão ludovicense, habitantes de uma terra rica em escritores, porém pouco explorados.

Desta forma, acreditamos que Tempo e Memória: uma análise das crônicas de José Chagas é um acesso para um despertar de todos, principalmente dos que pleiteiam serem educadores. Precisamos, de forma urgente, observar como e de que forma podemos trabalhar, no universo educacional a literatura maranhense, por meio desse gênero maravilhoso que é a crônica.

Assim estaremos permitindo aos alunos um encontro fantástico e troca de saberes, em que todos consigam participar de forma direta ou indireta da formação de uma sociedade, revisitando o passado, mas também olhando para o futuro por meio de sua própria literatura. Por esse motivo, compreendo que este trabalho é relevante e que, através dos conhecimentos adquiridos, despertou nesta pesquisadora em construção, maior compromisso e empenho para com a nossa literatura maranhense, por meio dos cronistas de nossa cidade de São Luís.



REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. A vida ao Rés-do-chão. São Paulo: Ática,1980.

COUTINHO, Afrânio. Crítica e teoria literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFCE-PROERD,1987.

CANDIDO, Antônio, et.al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

_____. Da arte de falar bem. São Luís: Instituto Geia, 2004. CARDOSO, Ney Farias. José Chagas. O ESTADO DO MARANHÃO. 28.jul.2008.

FRANÇA,S.S.L. “ Os saberes históricos: A concepção de história dos cronistas oficiais”. In: IDEM. Os reinos dos cronistas medievais (séc XV). São Paulo: Annablume, 2007.

RICOUER, Paul. Da memória e da reminiscência. Memória e imaginação. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François et.al. Campinas: Editora da Unicamp,2007.

MOISÉS, Massaud. A criação literária. Prosa-II.19; ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SÁ, Jorge de. A CRÔNICA, 6ºed. São Paulo: Editora Ática, Col. Princípios, 1985.

TESE Camila Maria Silva Nascimento.pdf acessado em 03.07.2024 às 23.25h

JOSÉ RIBAMAR NERES COSTA-LEITURA IMPORTANTE.pdf acessado em 04.07.2024 às 00.26h